



## Sustentabilidade e educação: contribuições do pensamento freiriano

Marina Comerlatto da Rosa<sup>1</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba/ sede Ecoville

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9140-8471>

Lia Maris Orth Ritter Antiqueira<sup>2</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Ponta Grossa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8453-0751>

**Resumo:** Este estudo bibliográfico aborda as contribuições do pensamento freiriano nas discussões sobre sustentabilidade baseando-se na relação ser humano – planeta. Fundamenta-se em Gadotti (2005, 2009), Boff (2012), Loureiro (2012), Capitango e Callejas (2019), Freire (1959, 1989, 1995, 1996, 1997, 2000, 2001, 2005, 2016) e Brandão (2005, 2014). A temática socioambiental não é uma discussão explícita nos textos de Paulo Freire, no entanto percebe-se o constante cuidado, afeto e a responsabilidade para com o tema. A educação freiriana, enquanto meio de compreensão da relação sociedade e natureza, se dá através de uma educação libertadora e crítica em que o sujeito entende e compreende a conjuntura ambiental que vive. Entende-se que a perspectiva freiriana é capaz de contribuir nas discussões do tema, pois preconiza a formação de sujeitos éticos, preocupados com o que incide no cotidiano da sua rua, bairro, município, estado, país e/ou planeta.

**Palavras-chave:** Paulo Freire, sociedade sustentável, educação.

## Sustentabilidad y educación: contribuciones del pensamiento freiriano

**Resumen:** Este estudio bibliográfico aborda las contribuciones del pensamiento freiriano en las discusiones sobre sustentabilidad basándose en la relación ser humano – planeta. Se basa en Gadotti (2005, 2009), Boff (2012), Loureiro (2012), Capitango e Callejas (2019), Brandão (2005, 2014) e Freire (1959, 1989, 1995, 1996, 1997, 2000, 2001, 2005, 2016). La temática socioambiental no es una discusión explícita en los textos de Paulo Freire, sin embargo se percibe el constante cuidado, afecto y la responsabilidad para con el tema. La educación freiriana mientras medio de comprensión de la relación sociedad y naturaleza, se da a través de una educación libertadora y crítica en la cual el sujeto entiende y comprende la coyuntura ambiental donde vive. Se entiende que la perspectiva freiriana es capaz de contribuir en las discusiones del tema, pues preconiza la formación de sujetos éticos, preocupados con lo que incide en el cotidiano de su calle, barrio, municipio, estado, país y/o planeta.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sustentabilidade Ambiental Urbana (PPGSAU), pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). e-mail: mcomerlattodarosa@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ciências - Conservação de Ecossistemas Florestais. Pós doutorado em Ciências Florestais e em Genética. Membro da REA-PR. Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Campus Ponta Grossa. e-mail: liaantiqueira@utfpr.edu.br

**Palabras-clave:** Paulo Freire, sociedad sustentable, educación.

### **Sustainability and education: Freire's thought contributions**

**Abstract:** This bibliographic study addresses the contribution made by Freire's thoughts to the discussions of sustainability based on the humna-planet relationship. It is based on Gadotti (2005, 2009), Boff (2012), Loureiro (2012), Capitango e Callejas (2019), Brandão (2005, 2014) e Freire (1959, 1989, 1995, 1996, 1997, 2000, 2001, 2005, 2016). The socio-environmental theme is not an overt discussion in Paulo Freire's texts, however, his constant concern, affection and responsibility towards the theme is noticed. Freirian education, as a means of understanding the Society-nature relationship, is developed through a freeing and critical education in which individuals understand the environment where they live. The Freirian perspective is seen to be able to contribute to the discussions of this theme, since it defends the education of ethical subjects, concerned with what affects the everyday life of their street, neighborhood, municipality, state, country and/or planet.

**Keywords:** Paulo Freire, sustainable society, education.

### **Introdução**

A discussão de questões ambientais toma novas proporções à medida que alguns segmentos da sociedade e a Ciência enfatizam a necessidade de mudança de comportamentos com relação à exploração exacerbada dos bens naturais. O modelo de produção e consumo atual (baseado no crescimento econômico infinito) adotado em grande parte do mundo, não permite que as questões ambientais sejam tratadas com a seriedade e prioridade devidas (LOUREIRO; TOZONI-REIS, 2016), afinal, a existência humana depende de um ambiente equilibrado, da natureza conservada. A disputa entre diferentes formas de apropriação e uso da fauna, da flora, do solo, da água, o ar, dos bens naturais como um todo “são fonte de sobrevivência para os povos e ao mesmo tempo fonte de acumulação de lucros para grandes corporações” (ACSELRAD, 2013, p. 12).

As ações antrópicas estão intimamente relacionadas com a crise/colapso ambiental (MARQUES, 2018) atualmente vivida, que “é uma das manifestações nefastas resultantes da coisificação da natureza, da insustentabilidade dos limites dos desequilíbrios ecológicos, dos excessos da injustiça social e da fragmentação do mundo para permitir o seu domínio e controle” (CAPITANGO; CALLEJAS, 2019, p. 290).

Quando se trata do tema sustentabilidade, entende-se que deve compreender uma visão holística, que envolva todo o planeta, com equidade, onde o bem de alguns não se faça às custas do prejuízo de outros. Deve prezar pelo respeito a todas as formas de vida, além dos

aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais (BOFF, 2012; BELCHIOR; VIANA, 2016). No entanto, o modelo econômico que predomina não favorece para que a sustentabilidade seja realmente alcançada e praticada, pois como afirma Gadotti (2009, p. 52) “está claro que entre sustentabilidade e capitalismo existe uma incompatibilidade de princípios”. De acordo com Gadotti (2009, p. 57), “para ser sustentável, o desenvolvimento precisa ser ambientalmente correto, socialmente justo, economicamente viável e culturalmente respeitoso das diferenças”.

Dentre as diversas contribuições na discussão desse amplo tema, muitos autores deixaram aportes significativos. Alguns de forma explícita e outros incutindo a relação do ser humano com a natureza em suas obras. A pedagogia de Paulo Freire é um exemplo onde a relação do ser humano com o mundo é tida como a essência das suas discussões.

Na perspectiva freiriana, é através da educação que se desenvolvem indivíduos transformadores e éticos, propiciando a construção de uma sociedade menos injusta e díspar. Dessa maneira, a sustentabilidade, olhada de maneira crítica, “tem um componente educativo formidável: a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da Educação” (GADOTTI, 2005, p. 19).

Pautando-se nessas premissas, pretende-se responder a seguinte questão: quais as contribuições do pensamento freiriano para as discussões sobre sustentabilidade, a partir da relação do ser humano com o planeta? A pesquisa justifica-se pela necessidade de trabalhos que discutam a relação do pensamento freiriano com a sustentabilidade ambiental, versando sobre a relação do ser humano com o mundo em que vive.

Para responder essa questão, investigam-se os aportes do pensamento de Paulo Freire nas discussões sobre sustentabilidade baseando-se na relação ser humano – planeta. As reflexões realizadas são balizadas no estudo bibliográfico (SEVERINO, 2007), abarcando autores/as considerados/as relevantes para o debate proposto.

O estudo traz uma revisão do conceito de sustentabilidade a partir de autores como Gadotti (2005, 2009), Boff (2012), Loureiro (2012), Capitango e Callejas (2019). Em seguida são discutidas as contribuições de Paulo Freire com base em Freire (1959, 1989, 1995, 1996, 1997, 2000, 2001, 2005, 2016) e Brandão (2005, 2014).

## Sustentabilidade: concepções em debate

O conceito de sustentabilidade começou a ser difundido mundialmente a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em 1972, sendo cunhado no Relatório Brundtland<sup>3</sup> (1987) da Organização das Nações Unidas (TORRESI; PARDINI; FERREIRA, 2010). Entretanto, as práticas humanas em relação a natureza, que levam à compreensão de sustentabilidade, antecedem, significativamente, a Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente Humano.

Há 10 mil anos os modos de apropriação da natureza já apresentavam práticas de subsistência convergentes com a sustentabilidade, proporcionando uma relação equilibrada entre ser humano e natureza, desenvolvendo diversas estratégias de adaptações aos ecossistemas. Esses modos de vida eram baseados na relação ser humano/sociedade/natureza ajustadas pelas especificidades socioambientais e ecológicas do lugar (SILVA, 2012).

Como referências de práticas guiadas pelo respeito e equilíbrio com a natureza, tem-se as nações africanas, que desenvolveram práticas tradicionais de sustentabilidade há muitos anos. Para o povo Oromo (Etiopia), por exemplo, a tentativa de deteriorar a natureza ocasiona prejuízos irreparáveis à existência da geração atual e da futura. Os Oromo observam os ciclos da natureza, as chuvas, os movimentos estelares, o comportamento dos animais, a morfologia dos animais e vegetais. Dessa maneira, as nações africanas praticam há muito tempo princípios de sustentabilidade, já que não realizam a exploração exacerbada dos bens naturais, das espécies animais e vegetais (CAPITANGO; CALLEJAS, 2019).

Ainda há os indígenas, povos originários que trazem consigo uma conexão particular com a natureza. De acordo com Capitango e Callejas (2019), para esses povos o ser humano não é o dono do mundo, ele é parte integrante da natureza. A cosmovisão indígena é baseada

---

<sup>3</sup> O Relatório Brundtland, intitulado também como “Nosso Futuro Comum”, difundiu a expressão “desenvolvimento sustentável” e sua definição, de acordo com o relatório, desenvolvimento sustentável é aquele “que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade de as futuras gerações terem suas próprias necessidades atendidas” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1988, p. 46).

na relação harmônica, equilibrada, respeitosa e holística entre todos os seres que constituem a mãe natureza.

Os povos originários têm incumbência ancestral de defender e conservar a natureza, pois todos/as são filhos dela. A cultura latino-americana, a partir dos povos andinos, denomina o planeta de “Mãe Terra – *Pachamama*”. Eles desenvolveram um modo metódico de observação e interpretação dos fenômenos naturais. Assim, proporcionaram a manutenção da existência de muitas espécies animais e vegetais. O modo respeitoso com que pensam e tratam o planeta, permitem que eles o habitem sem trazer danos irreparáveis aos ecossistemas que gerariam desequilíbrio ambiental (CAPITANGO; CALLEJAS, 2019).

Há outras comunidades que defendem a cosmovisão de diálogo e integração na inter-relação ser humano e natureza. No contexto brasileiro, incluem-se, de modo geral, os povos e comunidades tradicionais como os/as pescadores/as artesanais, caiçaras e os/as quilombolas, junto aos indígenas dependem do conhecimento ancestral e tradicional da natureza para sua subsistência e existência

Na Alemanha, no ano de 1560, surgiu a inquietação pelo uso racional das florestas, já que a madeira era utilizada como combustível e também como matéria prima principal para a construção. Ela foi utilizada tão intensivamente que as florestas estavam sendo dizimadas. A partir deste contexto, explica Boff (2012), surge o termo *Nachhaltigkeit*, traduzindo para o português como sustentabilidade.

Para Loureiro (2012), o conceito de sustentabilidade é oriundo das ciências biológicas, no entanto amplia-se para a política e economia. É um termo que apresenta diversas possibilidades de entendimento,

[...] trazendo para o plano social, que um processo ou um sistema para serem sustentáveis necessitam: 1) conhecer e respeitar os ciclos materiais e energéticos dos ecossistemas em que se realizam; 2) atender as necessidades humanas sem comprometer o contexto ecológico e, do ponto de vista ético, respeitando as demais espécies; 3) garantir a existência de certos atributos essenciais ao funcionamento dos ecossistemas, sem os quais perderiam suas características organizativas; 4) reconhecer quais são seus fatores limitantes preservando-os para não inviabilizarem a sua capacidade de reprodução; 5) projetar a sua manutenção em termos temporais (necessidade de incorporar projeções futuras no planejamento das atividades humanas com base nos saberes disponíveis hoje). (LOUREIRO, 2012, p. 56).

Entende-se que o conceito de “sustentabilidade” é polissêmico e “não é homogêneo nem está livre do conflito de interesses” (LEFF, 2011, p. 48) é “[...] instigante, complexo e desafiador. Faz-nos pensar sobre múltiplas dimensões e suas relações” (LOUREIRO, 2012, p. 57). Possibilita diversos entendimentos com importância em diferentes campos do conhecimento, conforme os interesses e as relações de poder.

Nesse sentido, as questões socioambientais tornaram-se mais latentes com o passar dos anos, visto os debates e acontecimentos, como o aquecimento global, a perda de biodiversidade, a maior pandemia do século XXI (Covid-19), o desemprego, as situações de fome e miséria, a violência aos povos e comunidades tradicionais, principalmente indígenas e quilombolas.

Essas situações passaram a fazer parte do cotidiano, estão presentes na rotina das pessoas, desde as menos interessadas até as mais comprometidas com a defesa dessas causas. No entanto, é preciso, a partir deste contexto de contradições, vislumbrar horizontes de uma sustentabilidade que seja vinculada a processos transformadores da sociedade, ou seja: por que não pensar em uma sustentabilidade ambiental crítica? É possível uma sustentabilidade ambiental articulada com uma educação emancipadora?

Acredita-se que essas questões devem ser latentes no contexto escolar, visto que uma das finalidades da escola, para além do acesso ao conhecimento científico, é contribuir na formação de pessoas, de novas gerações, oportunizar espaços de interação, sociabilidade, respeito a diversidade de diferentes formas de vida, humanas ou não.

Nessa perspectiva, Gadotti (2009) afirma que a sustentabilidade representa a esperança, tornando-se um imperativo histórico e existencial, assim como expunha Paulo Freire: “não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 1997, p. 05). É preciso tecer análises críticas e éticas em relação às práticas “ditas” sustentáveis, principalmente as realizadas ou financiadas por parte de grupos dominantes da sociedade (LAMOSA, 2015, 2016; SAPELLI, 2016), os quais visam atender a lógica e demanda do modelo socioeconômico que se vive neste momento histórico, em pleno século XXI.

Assim, ao discutir sustentabilidade é necessário estabelecer relações com outras dimensões (LOUREIRO, 2012), indo além de uma discussão unilateral, apenas a partir das

questões ambientais. Nesse sentido, destacam-se outras dimensões que se inter-relacionam com a sustentabilidade, como a econômica, política, cultural, social e educativa.

Explicitadas as possibilidades de conexões entre sustentabilidade e as dimensões já elencadas, a seguir busca-se problematizar essas possíveis relações a partir das contribuições de Paulo Freire, no que se refere às ideias presente em suas obras *Pedagogia da Autonomia* (1996), *Pedagogia do Oprimido* (2016), *Conscientização* (2001), principalmente a partir das suas reflexões, ideias sobre “consciência do inacabamento”, “conhecimento da realidade”, “a convicção de que a mudança é possível”, “a educação é uma forma de intervir no mundo”, “disponibilidade para o diálogo”, “ninguém liberta ninguém”, “concepção problematizadora e libertadora da educação”, “mediatizados pelo mundo”, “educação dialógica” e “visão de mundo”.

### **Diálogos com a educação: princípios freirianos na construção de uma sustentabilidade ambiental crítica**

Paulo Freire nasceu em 1921, em Recife no estado de Pernambuco, tendo vivido até o ano de 1997. Foi um importante educador, renomado mundialmente, oferecendo contribuições relevantes para a sociedade, especialmente através da educação e consequentemente, da escola. Dedicou seu trabalho à educação de crianças, jovens e adultos, sempre priorizando uma educação libertadora e crítica, pois, de acordo com ele “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 31).

Desde criança a natureza fez parte da vida de Paulo Freire, permeando inclusive suas obras onde é possível encontrar referências por ele relatadas:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. (FREIRE, 1989, p. 09).

Brandão (2014, p. 24 destaque do autor) afirma que “o contexto de nossas vidas abriga o MUNDO NATURAL, como a TERRA e tudo que nela há”. Freire por vezes relatou sobre

as mangueiras, pássaros, sol, chuva, lua, gato, cachorro, galinhas. “Sombra e luz, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles apenas sobrevivo, menos do que existo” (FREIRE, 1995, p. 16). Suas palavras mostram que sua existência, para além da sobrevivência, se dava na relação com a natureza. Os componentes bióticos e abióticos sempre estiveram presentes na sua escrita, ele os utilizava para “falar de um mundo natural que foi sempre uma referência de vida para ele” (BRANDÃO, 2005, p. 97).

Há que se destacar que Paulo Freire aprendeu a ler e a escrever à sombra das mangueiras do quintal de sua casa (BRANDÃO, 2005). A natureza sempre o acompanhou e ele sempre demonstrou afeto por ela:

As árvores sempre me atraíram. As frondes arredondadas, a variedade do seu verde, a sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, a ondulação dos galhos, mais intensa ou menos intensa em função da resistência ao vento. As boas vindas que suas sombras sempre dão a quem chega, inclusive aos passarinhos multicores e catadores, a bichos, pacatos ou não, que nelas repousam. (FREIRE, 1995, p. 15).

Freire “gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida!” (FREIRE, 2005, p. 329). Ele enxergava o futuro com esperança, onde existiriam pessoas mais justas, solidárias e comprometidas a construir um mundo melhor para todas e todos (FREIRE, 1995).

A temática socioambiental não é uma discussão explícita nos textos de Freire, no entanto, ele sempre demonstrou cuidado, afeto, responsabilidade e preocupação com o tema, trazendo em suas reflexões muitos elementos que se referem a natureza e ao meio ambiente. Percebe-se o avanço de produções acadêmicas que buscam relacionar o pensamento freiriano às questões ambientais tais como: Cruz; Battestin; Ghiggi (2014), Damo *et al.* (2012), Dickmann (2010, 2015), Dickmann; Carneiro (2012, 2021), Dickmann; Ruppenthal (2017), Gadotti (2009), Loureiro; Torres (2014), Maria; Zanon (2012) e Torres (2009, 2010).

A educação freiriana enquanto meio de compreensão da relação sociedade e natureza, se dá através de uma educação libertadora e crítica em que o sujeito entende e compreende a conjuntura ambiental que se vive. Percebe-se que “a relação ser humano-mundo é um tema central na pedagogia freiriana, não somente como uma constatação do cotidiano, mas como uma relação ambiental” (DICKMANN; CARNEIRO, 2012, p. 88).



Na obra *Pedagogia da Indignação*, Freire conclama que:

[...] urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem que estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador. (FREIRE, 2000, p. 31).

Assim, o ser humano deve ser capaz de amar o mundo e ir além de uma relação de exploração com a natureza, pois “o amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro” (FREIRE, 1983, p. 15).

É preciso estabelecer formas de respeitar todas as manifestações de vida no planeta. Pressupõe-se a emergência de práticas críticas e reflexivas que superem as pedagogias hegemônicas, que de modo geral, estão presentes nas instituições escolares, isto é, pedagogias que visam educar “com fins instrumentais e pragmáticos que podem estar dissociados de fins emancipatórios e reflexivos. É como se a educação servisse para criar competências, capacidade, habilidades e comportamentos [...]” (LOUREIRO, 2012, p. 75-76).

A educação que não se quer, ensina às pessoas “boas” maneiras de servir às lógicas do mercado, sendo colaboradores/as eficazes para que as empresas possam lucrar cada vez mais as custas da exploração do ser humano e da natureza. Forma pessoas que têm a concepção da natureza enquanto ferramenta importante para a economia, onde o meio ambiente deve adequar-se às demandas do modo de produção vigente, isto é, orientar-se pela visão do capitalismo verde, da sustentabilidade ambiental empresarial.

Na contramão dessa visão distorcida de sustentabilidade a educação toma maiores sentidos, assume o diálogo com outras dimensões, para assim produzir compreensões do que seria uma sustentabilidade ambiental crítica e/ou emancipadora. Tornando possível outra forma de relacionar-se com as questões ambientais, pois percebe-se um momento de crise ambiental, um movimento intenso de disputas entre os defensores de um modelo socioeconômico que respeite a biodiversidade e um modelo que visa somente explorar e lucrar com os bens naturais.

Nesse panorama, a educação pode cumprir uma das suas finalidades, que é dialogar com as demandas da realidade, para assim vislumbrar formas de intervir no mundo, extrapolando as janelas da sala de aula, os muros da escola. Traz-se para os processos educativos escolares os problemas ambientais da comunidade, as consequências da postura humana frente ao meio ambiente. Desde questões mais particulares às universais, como o depósito de lixo irregular na comunidade e/ou o aquecimento global causado, também, pelo avanço desenfreado do agronegócio e/ou das grandes empresas que atuam nos diferentes setores da sociedade.

Em relação à sustentabilidade, cabe pensar como na educação são possíveis ações formativas, no sentido da práxis, que segundo Freire (2016, p. 75), “[...] é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos”, para romper com visões românticas, superficiais, colonizadoras dos bens simbólicos e ambientais dispostos na natureza. É preciso uma educação que supere o projeto de instruir pessoas para atuar no mercado de trabalho, embora a escola tenha esse componente, mas não é o seu objetivo maior, estudantes submissos e inertes à realidade. O processo educativo e a escola não são neutros, nela estão em disputa projetos de sociedade, de ser humano que se pretende educar. Cabe pensar, qual a educação (escola?) necessária para formação de seres humanos na construção de sociedades sustentáveis?

Tem-se a convicção que uma educação pensada a partir da lógica econômica não é uma alternativa. O caminho possível para sociedades sustentáveis tem como horizonte uma educação e escolas comprometidas com um mundo que não esteja ajustado aos interesses dominantes, com práticas sociais que esvazie toda possibilidade de crítica, de ética e respeito a todas as formas de vida do planeta (AGUDO; TEIXEIRA, 2021). Freire contribui nesse entendimento ao defender que,

[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou apreendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. [...] Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora das verdades. [...] Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas. (FREIRE, 1996, p. 98-101).

A educação escolar é feita por seres humanos, na qual uma parte, os estudantes, se colocam no processo de apropriação do conhecimento, da cultura, isto é, são diversas as aprendizagens possibilitadas na experiência escolar. De outro lado, não como opostos, há os/as professores/as que se colocam enquanto uns dos primeiros responsáveis dessas experiências com o conhecimento na escola, porém é sabido que o estudante também traz consigo outros saberes oriundos da vida social. Cabe assim, as formas do fazer pedagógico, posturas coerentes com o projeto de educação e escola que se defende, um projeto que insere a dimensão da sustentabilidade nas suas práticas educativas, uma inserção que vai além de uma educação ambiental instrumental, com projetos pontuais sobre separação correta do lixo, redução do consumo da água, reaproveitamento de material reciclável, entre outros, mesmo que se reconheça a importância desses no processo educativo dos estudantes.

Essa dimensão se insere enquanto princípio da sociabilidade entre humanos e as demais formas de vida, a partir das definições de Loureiro (2012) do que seriam sistemas ou processos sustentáveis. No paradigma de uma educação escolar crítica, cabe aos docentes outras posturas em relação às práticas educativas, pois “não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo” (FREIRE, 1996, p. 102). A educação, a escola, não é neutra e não deve ser: é preciso ser crítica. Porém, não se quer responsabilizar somente os/as professores/as por trabalhos instrumentais, no que se refere a questão ambiental, há que se reconhecer as políticas e práticas curriculares induzidas e/ou impostas pelo Estado, as quais, muitas das vezes, os docentes sentem-se obrigados a executá-las mesmo que não concordem.

Superar visões deterministas das questões ambientais e educacionais, deve ser um compromisso de todos/as que buscam lutar, construir outro mundo, independente da área de atuação na sociedade, uma sociedade que valoriza a liberdade, a diversidade, o bem comum. Há que romper com ideologias da morte, da violência, da discriminação, dos preconceitos, ou seja, uma

[...] ideologia fatalista, imobilizante que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. [...] insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social

que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar "quase natural". Frases como "a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?" ou "o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século" expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O de que se precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência. (FREIRE, 1996, p. 19-20).

A certeza de que o mundo não está dado, pronto e do seu inacabamento (GADDOTI, 1996), coloca o ser humano frente ao dilema das decisões que, enquanto docentes, há que se tomar posição. A escola tem o compromisso de contribuir na formação de sujeitos críticos, éticos e capazes de analisar e agir na realidade que se vive. Perceber seus problemas e pensar formas de superá-los, não só os problemas em si, mas na sua origem. Nesse caso, perceber os problemas ambientais causados pelo modelo insustentável do modo produtivo da sociedade.

É necessário estabelecer uma leitura de mundo, que não se separa da leitura das palavras, no entanto que precede a leitura da palavra (FREIRE, 1989, 2015), para que possa identificar e combater os discursos das supostas "práticas socioambientalmente corretas" das grandes indústrias (mineradoras, automobilísticas, alimentícia etc.), do agronegócio (latifundiários, pecuaristas, etc.), dos grandes empresários (turismo, cosméticos, farmacêuticas, construção civil, etc.) além do sistema financeiro que sustenta as lógicas empregadas por estes segmentos, enfim dos setores dominantes que visam perpetuar no poder, como afirmam Damo *et al.*:

O interesse do Capital não está em transformar o mundo, mas justamente em mantê-lo como está. É assim que a "preocupação" que demonstram os defensores da ordem burguesa, por meio de suas práticas ditas sustentáveis, ecologicamente corretas e socialmente justas não são mais que estratégias de sobrevivência frente à evidência cada vez maior das contradições da ordem capitalista. (DAMO *et al.*, 2012, p. 03).

Diante desse contexto, da relação de opressão estabelecida pelos dominantes, faz-se necessário adotar processos de análise crítica da realidade, para que se possa compreender que o "[...] mundo não é. O mundo está sendo [...]. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. [...] nos tornamos capazes de intervir na realidade" (FREIRE, 1996, p. 77).

[...] na análise da situação concreta, existencial, de opressão, não podemos deixar de surpreender o seu nascimento num ato de violência que é inaugurado, repetimos, pelos que têm poder. Esta violência, como um processo, passa de geração a geração de opressores, que se vão fazendo legatários dela e formando-se no seu clima geral. Este clima cria nos opressores uma consciência fortemente possessiva, possessiva do mundo e dos homens. [...] tendam a transformar tudo os que os cerca em objetos de seu domínio. A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu comando. [...] concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal. (FREIRE, 2016, p. 85-86).

No intuito de produzir outras relações entre a sustentabilidade e educação, é preciso conceber que “uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança” (MÉSZÁROS, 2008, p. 25). Educar para transformar é de algum modo, uma educação que passa pela sustentabilidade, dialogando com a diversidade, com outras possibilidades da relação sociedade – natureza, pois a sustentabilidade também é o “sonho de bem viver. Sustentabilidade é equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente, é harmonia entre os diferentes” (GADOTTI, 2008, p. 75).

É necessário que o ser humano compreenda a natureza, e o significado de tudo o que a compõe, que tenha empatia por todos os seres e que perceba a natureza pelo seu próprio valor material e simbólico.

É nesse sentido que se pode afirmar que o homem não vive autenticamente enquanto não se acha integrado com a sua realidade. Criticamente integrado com ela. E que vive uma vida inautêntica enquanto se sente estrangeiro na sua realidade. Dolorosamente desintegrado dela. Alienado de sua cultura. (FREIRE, 1959, p. 09).

Quando o indivíduo se sente parte do ambiente ele se entende parte da natureza, assim passa a cuidá-la e respeitá-la. As práticas escolares devem possibilitar a análise e a percepção em relação ao mundo, procurando extrapolar o mundo das ideias e intervir na realidade. Ao estudar Paulo Freire, é necessário ir além da sua escrita, é preciso conhecer quais eram as questões que o inquietavam, é reconhecer o seu amor atento à natureza, é necessário tê-lo como um educador comprometido com a educação transformadora, libertadora que

considera o sujeito da aprendizagem como participante efetivo na produção de saberes, e não como sujeito desprovido de autonomia, de capacidades e criatividade (DAMO *et al.*, 2012).

Paulo Freire não é conhecido como um educador ambiental, no entanto não é possível separar o seu trabalho e sua produção acadêmica das discussões ambientais. Diante disso, reiteramos novamente suas palavras, “a ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem que estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador” (FREIRE, 2000, p. 31). Portanto, como já explicitado, a relação do ser humano com o planeta é apresentada como cerne em suas contribuições.

### **Considerações Finais**

Ao analisar os aportes do pensamento de Paulo Freire para as discussões sobre sustentabilidade, entende-se que a perspectiva freiriana contribui nas discussões do tema, Freire preconiza a formação de sujeitos éticos, preocupados com o que incide no cotidiano da sua rua, bairro, município, estado, país e/ou planeta.

Fica evidente em seu trabalho a preocupação de que aconteçam transformações educacionais e socioambientais almejavéis para a constituição de uma sociedade sustentável (que tenha como princípio a convivência mútua entre as mais diferentes espécies e que as respeite e valorize), isto é, de uma organização social diferente da que vivemos. Afinal, a conservação ambiental depende da consciência ambiental e essa se relaciona intrinsecamente com a educação, uma educação problematizadora e libertadora, onde o debate da economia, da política, da sociedade, da cultura esteja presente no processo formativo dos sujeitos. Que seja respeitada a diversidade de saberes, de modos de vida em relação ao planeta, as práticas dos povos e comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas, pescadores/as artesanais, caiçaras e tantos outros que têm uma relação de interdependência com os bens naturais, ou seja, terra, água e florestas.

Conscientes da dinâmica própria da escola e da sua composição por diversos sujeitos com culturas distintas, entende-se que é desafiante a construção de uma escola que expanda suas ações de sustentabilidade, essas que vão além dos projetos pontuais, que tem sua importância e valor para seu contexto (como os projetos sobre a reutilização da água,

separação de materiais recicláveis, compreender o processo de construção e desenvolvimento de um jardim e/ou horta).

Deve-se pensar a escola que ainda não é realidade, no entanto está em construção. Uma escola que atenda as demandas do cotidiano, mas também que discuta as raízes dos problemas ambientais, o real sentido da sustentabilidade, que compreenda que com o equilíbrio do meio ambiente se garantirá as vidas futuras das diferentes espécies, humanas e não humanas. Embora Paulo Freire não tenha sido reconhecido como educador ambiental, sem dúvidas a perspectiva freiriana deixa um legado importante de contribuições nesse aspecto. Não há como separar suas obras das questões e discussões socioambientais, já que a relação ser humano - mundo - natureza estão sempre presentes em seus escritos.

## Referências

ACSELRAD, Henri. Apresentação. *In: Fórum dos atingidos pela indústria do petróleo e petroquímica nas cercaninas da baía de Guanabara (Org.). 50 anos da refinaria Duque de Caxias e a expansão da indústria petrolífera no Brasil: Conflitos socioambientais no Rio de Janeiro e desafios para o país na era do Pré-sal.* Rio de Janeiro: Fase, 2013. p. 9-12.

AGUDO, Marcela de Moraes; TEIXEIRA, Lucas André. A pesquisa em educação ambiental na disputa pela escola pública: o materialismo histórico-dialético como fundamento teórico-metodológico. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 38, n. 3, p. 218–242, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/13170/9135>. Acesso em 26 de jan. 2023.

BELCHIOR, Germana Parente Neiva; VIANA, Iasna Chave. Sustentabilidade e meio ambiente: reflexões sob o olhar da complexidade. **Amazon's Research and Environmental Law**, v. 4, n. 1, p. 72-90, jan. 2016. Disponível em: <http://www.faar.edu.br/portal/revistas/ojs/index.php/arel-faar/article/view/183/152>. Acesso em 26 de jan. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire: educar para transformar.** São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo.** São Paulo: Expressão Popular, 2014.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é: o que não é.** Petrópolis: Vozes, 2012.

CAPITANGO, José; CALLEJAS, Germán Vargas. Conhecimentos, experiências e práticas vitais tradicionais indígenas como fundamento para a construção de uma cultura de sustentabilidade. **Ambiente & Educação**, v. 24, n. 2, p. 287-309, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/9733/6232>. Acesso em 26 de jan. 2023.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

CRUZ, Claudete Robalos da; BATTESTIN, Cláudia; GHIGGI, Gomercindo. A educação ambiental na teoria educativa Freireana. **Revista Monografias Ambientais – REMOA**, Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 3055 – 3060, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/10983/pdf>. Acesso em 26 de jan. 2023.

DAMO Andreisa; SIMÕES, Christian da Silva Simões; MOURA, Danieli Veleda; MINASI, Luís Fernando; CRUZ, Ricardo Gauterio. Paulo Freire, um educador ambiental: apontamentos críticos sobre a educação ambiental a partir do pensamento freiriano. **Revista Desarrollo Local Sostenible**, v. 5, n. 13, p. 02-16, 2012. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/delos/13/dsmmc.pdf>. Acesso em 26 de jan. 2023.

DICKMANN, Ivo. **Contribuições do pensamento pedagógico de Paulo Freire para a Educação Socioambiental a partir da obra Pedagogia da Autonomia**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24024?show=full>. Acesso em 24 de jan. 2023.

DICKMANN, Ivo. **A formação de educadores ambientais: contribuições de Paulo Freire**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/40272>. Acesso em 25 de jan. 2023.

DICKMANN, Ivo; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Paulo Freire e Educação ambiental: contribuições a partir da obra Pedagogia da Autonomia. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 21, n. 45, p. 87-102, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/334/302>. Acesso em 25 de jan. 2023.

DICKMANN, Ivo; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **Educação ambiental freiriana**. Chapecó: Editora Livrológica, 2021.

DICKMANN, Ivo; RUPPENTHAL, Simone. Educação ambiental freiriana: pressupostos e método. **Revista de Ciências Humanas – Educação**, v. 18, n. 30, p. 117-135, jul. 2017. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/2582/2309>. Acesso em 25 de jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. Recife: Universidade Federal do Recife, 1959.



FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução o pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. A Voz do Biógrafo Brasileiro: a prática a altura do sonho. *In*: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire**: uma Biobibliografia. São Paulo: Cortez Editora / Instituto Paulo Freire, 1996.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra e cultura da sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, v. 1, n. 6, p. 15-29, 2005. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/842> . Acesso em 24 de jan. 2023.

GADOTTI, Moacir. Educar para a sustentabilidade. **Inclusão Social**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 75-78, out. 2007/mar. 2008. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1624> . Acesso em 24 de jan. 2023.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

LAMOSA, Rodrigo de Azevedo Cruz. A construção da hegemonia do agronegócio e do discurso da sustentabilidade em instituições públicas de ensino, pesquisa e extensão. *In*:

- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAMOSA, Rodrigo de Azevedo Cruz (orgs.). **Educação Ambiental no contexto escolar**: um balanço crítico da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: Quartet, 2015. p. 164-196.
- LAMOSA, Rodrigo de Azevedo Cruz. **Educação e agronegócio**: a nova ofensiva do capital nas escolas públicas. Curitiba: Appris, 2016.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Sustentabilidade e Educação**: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012.
- LOUREIRO, Carlos Frederico; TOZONI-REIS, Marília Freitas. Teoria social crítica e pedagogia histórico-crítica: contribuições à educação ambiental. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Ed. Especial, p. 68-82, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5960/3683>. Acesso em 26 de jan. 2023.
- LOUREIRO, Carlos Frederico; TORRES, Juliana Rezende (orgs.). **Educação Ambiental**: dialogando com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2014.
- MARIA, Elisângela Castedo; ZANON, Angela Maria. Educação ambiental a partir de um olhar freiriano. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 28, p. 62-71, jan/jul. 2012. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/3804>. Acesso em 26 de jan. 2023.
- MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental**. 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SAPELLI, Marlene Lucia Siebert. As cartilhas do agronegócio nas Escolas do Campo: a pedagogia do capital. In: GARCIA, Tânia Maria F. Braga; BUFREM, Leilah Santiago; GEHRKE, Marcos (orgs.). **Leituras**: escola do campo e textos: propostas e práticas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Carlos Educaro Mazzetto. Sustentabilidade. In: CALDART, Roseli Salette; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 728-732.
- TORRES, Juliana Rezende. Contribuições da Abordagem Temática Freireana para a Educação Ambiental no contexto formal. In: **Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental**, 5., 2009, São Carlos. **Anais** [...]. São Carlos: UFSCar, 2009. p. 1- 16. Disponível em: [http://www.epea.tmp.br/epea2009\\_anais/pdfs/plenary/T57.pdf](http://www.epea.tmp.br/epea2009_anais/pdfs/plenary/T57.pdf). Acesso em 25 de jan. 2023.

TORRES, Juliana Rezende. **Educação Ambiental crítico-transformadora e abordagem temática freireana**. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93568>. Acesso em 25 de jan. 2023.

TORRESI, Susana Córdoba de; PARDINI, Vera; FERREIRA Vitor. O que é sustentabilidade? **Química Nova**, v. 33, n. 1, 5, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gn/v33n1/01.pdf> . Acesso em 26 de jan. 2023.

*Submetido em: 16/02/2022*

*Publicado em: 14/04/2023*